



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de Registro do Balanço de Governo 2003-2010**

**Palácio do Planalto, 15 de dezembro de 2010**

Minha querida companheira Marisa,

Meu querido companheiro presidente Sarney,

Minha querida companheira Dilma Rousseff,

Meus queridos companheiros ministros e ex-ministros presentes. A Dilma está aqui na condição de ex-ministra, por isso que eu a estou tratando de ministra,

Quero cumprimentar os companheiros governadores aqui presentes. Dois, na minha frente, além de governadores, foram ministros no meu governo,

Quero cumprimentar os companheiros parlamentares aqui presentes,

Os prefeitos das capitais,

Os líderes partidários,

Nossos convidados,

E dizer para vocês que, mesmo no final do governo, a minha assessoria consegue me surpreender positivamente, porque este ato aqui – isso deve ser coisa do Gilberto, da Miriam, da Casa Civil e do Cezar –, porque este ato aqui era para ser uma coisa simples. Ontem, quando o Eduardo me disse que vinha para cá, eu, sinceramente, fiquei... depois até fingi que eu sabia, porque eu achava que era um ato em que eu iria receber os ministros, que a gente iria registrar em cartório e estava acabado o ato. Mas eu estou vendo que fizeram, aqui, um grande evento. E, como grande evento, vamos tirar proveito dele, afinal de contas não é todo mundo que consegue fazer um grande evento.

Olhem, eu tenho um discurso... Marisa estava ali... todas as vezes que eu venho em um ato com Marisa, ela fica dizendo: “Vai devagar. Vai rápido.



Estou com fome.” Todos nós estamos com fome. Mas eu não quero falar de improviso porque isto aqui não é um ato de despedida, isto é um ato de trabalho. Nós ainda vamos nos despedir em outros momentos.

Eu queria, neste ato aqui, na verdade, era prestar uma homenagem àqueles companheiros que, durante oito anos ou durante alguns meses ou durante alguns dias, se dedicaram a construir o que nós plantamos. Aqui tem ministros, aqui... não sei se estão todos aqui, mas eu estou vendo a companheira Marina aqui, estou vendo o companheiro José Dirceu ali, estou vendo o companheiro Walfrido, estou vendo outros companheiros que, se não se levantarem eu não vejo, mas... Furlan está aqui, companheiros que tiveram uma passagem pelo governo, que deram contribuições extraordinárias e que é o momento de a gente registrar uma coisa importante.

Normalmente, um governo é eleito, ele governa, ele vai embora, não existe uma prestação de contas à sociedade. As pessoas, parece que não têm responsabilidade com aquilo que fizeram. E esta prestação de contas é menos para engrandecer o que nós fizemos e mais para dar uma fotografia à sociedade brasileira para que ela, vendo o que foi feito, ela perceba também o que não foi feito e o que precisa ser feito. Sobretudo a nossa querida presidenta, ao ler o subproduto do trabalho dela – porque muita coisa aqui teve a coordenação da companheira Dilma –, ela possa se lembrar de coisas que poderiam ter sido feitas, que nós esquecemos de fazer e que ela pode fazer. É para isso que Deus e os políticos garantiram a eleição e a reeleição e a continuidade. É para que a gente possa dar sequência àquilo que foi feito.

Então, eu vou ler o meu discursinho. Marisa, calma, calma, calma, que é o seguinte. Vocês vão ter dimensão de que quando a gente fala que “nunca antes na história do Brasil”, muita gente fica incomodada quando eu falo isso, muita gente fala: “O Lula está descobrindo o Brasil”. Não estou descobrindo. Nós apenas estamos fazendo o que os outros não fizeram. E quando os outros não fizeram o que a gente fez, a gente diz “nunca antes na história do Brasil”.



Eu vou dar só um exemplo, eu vou dar só um exemplo. Na área da educação nós conseguimos, em oito anos, aprovar duas emendas constitucionais, nós conseguimos aprovar 49 leis e conseguimos aprovar cinquenta... conseguimos... e eu fiz 52 decretos para chegar à educação que nós temos hoje. Além disso, nós fizemos o ProUni, fizemos o Refis... não, é o Fies, e lançamos hoje o Plano Nacional de Educação, ou seja, cumprimos uma meta da educação e, na verdade, plantamos para a nossa querida presidenta colher... precisa adubar primeiro, precisa molhar. Não pode ser só colher, vai ter que trabalhar um pouco para que saia o que nós assinamos hoje.

Então, é um dia, é um dia... a imprensa vai receber isto aqui. Cada editor de Política vai receber, cada editor de Economia deve receber. Eu quero que todo mundo receba, para as pessoas perceberem o quanto elas perderam de cobrir coisas boas do governo, o quanto elas perderam de cobrir coisas boas do governo.

Todo mundo sabe, todo mundo sabe que não é no Brasil, é no mundo inteiro... se você for à Argentina e for aos Estados Unidos, se for à Alemanha e for à... À China, não. A China é exceção e Cuba é exceção. Mas em qualquer país do mundo, obviamente que a imprensa, ela cobre aquilo que tem mais apego [apelo] à sociedade. Nem sempre o construir tem mais apego [apelo]. Às vezes o destruir é a parte que tem mais apego [apelo]. Isso é no mundo inteiro, isso não é virtude ou defeito do Brasil. Isso é assim no mundo inteiro e nós, governantes, gostaríamos que todos os dias tivesse uma manchete favorável, manchete favorável, mas não tem. Então, nós vamos ter que procurar fazer... É por isso que eu ando muito, é para fazer um contratempo [contraponto]. Eu leio o jornal, eu não vejo matéria favorável a mim, eu falo: vamos viajar o Brasil para que eu mesmo fale bem de mim. O resultado tem sido benéfico até agora, tanto pela reeleição da companheira Dilma, que alguns especialistas em política achavam que era impossível: "É impossível". A única coisa impossível é Deus pecar. O resto, tudo pode acontecer no mundo.



Bem, mas agora a parte convencional da minha passagem pela Presidência é esta agora. Nós estamos aqui hoje fazendo algo que deveria ser comum para qualquer governante eleito democraticamente, mas que talvez seja um fato inédito no Brasil: um presidente da República assumir compromissos com a população, exercer o seu mandato e, ao final, apresentar formalmente um relatório detalhado de suas realizações, registrando-o em cartório. Vocês viram o meu português aqui? “Registrando-o em cartório”. É mole?

Nós viemos, há oito anos, com o compromisso de mudar o Brasil. Nós viemos com o compromisso de destravar este país imenso, que vivia de promessas de um futuro glorioso que nunca chegava.

Nós viemos para combater a fome e a pobreza, mas também para enfrentar as causas da desigualdade e fazê-la diminuir cada vez mais.

Nós viemos para promover o desenvolvimento do país inteiro, embora fazendo crescer mais as regiões que sempre haviam ficado historicamente para trás.

Nós viemos para mudar o lugar do Brasil no mundo, para conquistar o respeito que o nosso país merece e poder influir fortemente na solução de problemas internacionais, visando à paz e à convivência harmoniosa entre as nações.

Nós viemos para fazer tudo isso democraticamente, valorizando o Congresso Nacional e ampliando, ao mesmo tempo, a participação da sociedade nas decisões.

Nós estamos felizes de poder dizer claramente que todos, todos os setores da sociedade brasileira melhoraram de vida nesses oito anos, mas que os mais pobres, que eram tratados com indiferença ou mesmo com desprezo, melhoraram mais.

Nós estamos extremamente felizes porque resgatamos a autoestima do nosso povo e porque os brasileiros e brasileiras hoje têm muito mais orgulho do



Brasil do que... e das coisas da nossa terra.

Nós estamos convencidos de que fizemos muito, mas temos plena consciência de que há muito mais por fazer. Há ainda muito a corrigir e a aperfeiçoar. Completar o caminho que está levando o Brasil ao pleno desenvolvimento continuará exigindo de todos nós – governo e sociedade – rumo político, dedicação e esforços redobrados.

Amigos e amigas,

Quero enfatizar, mais uma vez, que nos empenhamos para realizar um governo verdadeiramente democrático em todos os sentidos. No plano político, nossas instituições estão a cada dia mais fortes, consolidadas, e há plena harmonia e independência entre os Poderes da República.

Em relação à democracia participativa, nunca houve tanta interlocução com a sociedade sobre os rumos do governo, a elaboração e o acompanhamento das políticas públicas. Apenas um exemplo: realizamos, nesses oito anos, 73 conferências nacionais. Esses encontros – e as etapas regionais e locais que os antecederam – mobilizaram mais de 5 milhões de pessoas em todo o país.

Todos os setores sociais, trabalhadores e empresários da cidade, do campo e de todas as regiões do Brasil, tiveram e têm cada vez mais acesso ao Estado brasileiro. Está se gestando um verdadeiro sistema nacional de participação social em nosso país.

Nosso plano econômico... melhor, Guido, desculpa. No plano econômico comprovamos, na prática, que era possível combinar crescimento, estabilidade e distribuição de renda, multiplicando as oportunidades profissionais e sociais. Houve forte expansão da renda do trabalhador. Atingimos recordes sucessivos na criação de empregos formais e chegamos a 15 milhões de vagas com carteira assinada, desde 2003. As taxas de desemprego estão no menor nível em décadas: 6,1%. Pela primeira vez temos mais trabalhadores formais do que informais, e mais trabalhadores na Previdência Social do que fora dela.



Garantimos os direitos básicos de nossa população: saúde, trabalho, educação, previdência, e avançamos na consolidação de novos direitos, criando organismos de Estado para cuidar das questões de gênero, igualdade racial e tantos outros.

Começamos por transformar o combate à fome em uma causa nacional. Criamos o Bolsa Família e uma série de outras ações desencadeadas pelo Fome Zero que garantiram aos brasileiros, pelo menos, três refeições diárias, como nos comprometemos. Aliás, ontem em Salgueiro, em Pernambuco, entregando casas, Wagner, um peão falou para mim: “Presidente, quando o senhor tomou posse, o senhor disse que a gente iria comer três vezes por dia. Eu quero lhe dizer que eu estou comendo que nem pintinho de granja, eu estou comendo é toda hora!”.

Fortalecemos a agricultura familiar e os moradores mais pobres do meio rural. Hoje, eles contam com crédito, garantia de compra de sua produção, luz elétrica e programas como o Territórios da Cidadania. Assentamos 586 mil famílias; são 47,1 milhões de hectares, o equivalente a quase duas vezes o estado de São Paulo; 27,9 milhões de pessoas saíram da pobreza de 2003 a 2009; a desnutrição infantil diminuiu 61% de 2003 a 2008; 35,7 milhões brasileiros ascenderam às classes A, B e C, e, pela primeira vez, a classe média é a maioria no país.

O brasileiro adquiriu o direito de consumir mais, fazendo a roda de nossa economia girar em ritmo constante e sustentável. Pela primeira vez, o Brasil é credor externo e emprestou ao FMI. Nossas reservas internacionais aumentaram muito e muito mais. Vocês sabem que quando nós chegamos aqui, nós tínhamos 60 milhões dos quais 30 [milhões] do FMI. Hoje, nós temos US\$ 285 bilhões só no Banco Central. Quem sabe alguma coisinha no tesouro e ainda emprestamos US\$ 14 bilhões ao FMI, para que ele possa fazer...

Este clima de estabilidade somado ao aumento da renda do trabalhador e das milhões de pessoas, que antes eram invisíveis à economia formal,



ampliou em muito o nosso mercado interno. Isso explica, por exemplo, porque as empresas de capital aberto do nosso setor produtivo alcançaram a maior rentabilidade dos últimos 15 anos justamente no primeiro semestre de 2010, enquanto as principais economias do mundo ainda patinam em decorrência da recente crise econômica.

Some-se a tudo isso o nosso grande desempenho no mercado externo. As exportações agrícolas, por exemplo, batem recordes sucessivos nos últimos 12 meses, foram exportados US\$ 73,9 bilhões e teremos a maior safra de grãos da história em 2010: 148 milhões de toneladas – se estiver errado, balance a cabeça, Wagner.

Meus amigos e minhas amigas, o Brasil retomou sua capacidade de planejar o seu desenvolvimento e, hoje, segura nas mãos as rédeas do seu próprio destino.

Para tanto, foi preciso recuperarmos a capacidade do Estado brasileiro de pensar a longo prazo, de planejar. Hoje, o Estado está se tornando, de fato, um indutor do nosso desenvolvimento.

O Programa de Aceleração do Crescimento sintetiza essa virada histórica. O PAC transformou o país em um imenso canteiro de obras. Ele mudou a cara de nossas cidades, oferecendo moradia digna e bairros decentes à população. Desobstruiu gargalos de nossa infraestrutura e reativou diversos setores, antes praticamente abandonados, como as indústrias naval e ferroviária.

Não sei se vocês sabem: há 18 anos, este país não produz um trilho, há 18 anos, este país não produz um trilho porque houve um momento em que se pensou em acabar com as ferrovias neste país. Graças a Deus, nós estamos reconstruindo 6 mil quilômetros de ferrovia, Paulinho. Se você liberar o dinheiro, sai mais, Paulo!

O investimento direcionado, segundo critérios e interesse público, possibilitou que o Brasil ampliasse seus horizontes e desse início a um longo e



duradouro processo de desenvolvimento. Mais do que isso, provou que é possível, na prática, fazer com que o progresso e o crescimento econômico beneficie a todos e que dê frutos de forma mais acelerada justamente nas regiões que, ao longo de nossa história, vinham sendo condenadas ao subdesenvolvimento.

O Nordeste que, tradicionalmente, só recebia atenção do governo federal no flagelo da seca, hoje, é o berço das grandes refinarias, dos estaleiros, de gigantescas obras de infraestrutura como a integração do rio São Francisco, da Ferrovia Transnordestina e da Ferrovia Oeste-Leste na Bahia. E o mesmo ocorre na região Norte. Ali estão sendo construídas algumas das maiores, mais modernas e ambientalmente sustentáveis usinas hidrelétricas do mundo – Santo Antônio, Jirau e, a partir de março do ano que vem, Belo Monte. E aos crônicos problemas do desmatamento e dos conflitos fundiários oferecemos em resposta ações articuladas que geram fontes alternativas de renda, regularização das terras e, sobretudo, cidadania.

A verdade é que as transformações que estão ocorrendo na Amazônia sinalizam também o horizonte promissor do Brasil frente aos desafios ambientais do século XXI. O Brasil foi responsável por 74% das unidades de conservação criadas no mundo desde 2003. Ampliamos em 24,7 milhões de hectares nossas áreas de conservação e alcançamos recentemente o menor nível de desmatamento nos últimos 22 anos.

Consolidamos nossa posição como potência da agroenergia. Nosso etanol, que já era o mais competitivo, agora conta com garantias ambientais, graças ao zoneamento agroecológico e conta também, cada vez mais, com garantias trabalhistas e sociais, obtidas por meio de um compromisso nacional que assegura os direitos de quem trabalha no setor. Implantamos, em tempo recorde, um programa nacional de produção de biodiesel.

Somos a nação que mais tem contribuído para combater as mudanças climáticas em todo o mundo. Assumimos, voluntariamente, compromissos





concretos para reduzir drasticamente a emissão de gases de efeito estufa. Ratificamos esses compromissos em nossa legislação – e, aqui, obrigado à Câmara e ao Senado por terem votado a proposta que nós levamos para Copenhague – e os colocamos em prática no nosso cotidiano.

Amigas e Amigos... Estou correndo, Marisa? Está bom? Vai segurando.

Quando assumi o segundo mandato como presidente da República, em janeiro de 2007, afirmei em meu discurso de posse que nosso propósito sempre foi o de democratizar não apenas a renda, mas também o conhecimento e o poder. Esse aprofundamento de nossa democracia passa pela economia, pelo mundo do trabalho, pelas políticas sociais e pela participação social, mas não pode prescindir do amplo acesso de todos os setores de nossa população à escola de qualidade.

Por isso, investimos fortemente na educação, e o fizemos de forma sistêmica, beneficiando todos os níveis de ensino, da pré-escola à pós-graduação. Em oito anos, criamos 14 universidades e 126 campi no interior do país; criamos 214 escolas técnicas; com as bolsas do ProUni, pagamos estudo a 750 mil jovens em faculdades particulares. Centenas de milhares de jovens negros, indígenas que moram nas periferias, entre tantos outros, estão sendo os primeiros membros de suas famílias a contarem com um diploma universitário.

Na Ciência e Tecnologia... Serginho, pela primeira vez se fala em ciência e tecnologia aqui, ó. Está bem? Na ciência e tecnologia, pela primeira vez, colocamos em prática um plano de ação de todo o governo federal, nosso querido PAC da Ciência e Tecnologia, com recursos de R\$ 41 bilhões, que foram integralmente aplicados, controlados, e hoje a gente pode dizer que o Brasil passou a Rússia e a Holanda na publicação de artigos científicos em revistas especializadas, no mundo. É pouco? Não. A Dilma vai fazer muito mais. Orgulho-me de ter dobrado o número de bolsas de pós-graduação, mudando o patamar da produção científica brasileira e promovendo forte



inovação tecnológica nas empresas.

Aqui, é importante lembrar, meu caro Fernando Haddad e meu caro Sérgio Rezende, quando nós chegamos ao governo o Nordeste tinha menos de 3% de médicos e doutores, e o Nordeste, com a nossa política de educação, já tem 10% de médicos e doutores, e nós queremos ter pelo menos 30%, que é o que representa a população do Nordeste e, também, o mesmo tanto no Norte, o mesmo tanto no Centro-Oeste. Nós não queremos tirar absolutamente nenhum doutor do Sul ou do Sudeste. O que nós queremos é formar mais doutores e mais mestres no Nordeste, porque alguns achavam que o Nordeste só formava pedreiros, e nós queremos formar engenheiros naquela região do país.

Estão, com isso, rompendo a cadeia hereditária da desigualdade e dando os passos iniciais de um processo de mobilidade social nunca antes visto neste país, e que em um futuro muito próximo estará, certamente, refletido em todos os aspectos de nossa sociedade.

Todas essas mudanças contam com as garantias necessárias para se reproduzirem em um longo ciclo de desenvolvimento sustentado.

A exploração soberana das riquezas do pré-sal, conforme a regulamentação definida pelo governo, assegura essa evolução ao destinar grande parte dos recursos do seu Fundo Social à expansão e qualificação da educação neste país, e cria uma gigantesca poupança interna, capaz de promover a eficiência da nossa economia e a erradicação definitiva da miséria neste país.

O Brasil mudou. Somos a nação do pré-sal. Somos o país do Sul que, ao contrário das nações da Europa e da América do Norte, foi o último a entrar e o primeiro a sair da grande crise financeira internacional gerada nos últimos tempos.

Mas, também, nós somos não apenas a nação do pré-sal, nós somos a nação da Copa do Mundo de 2014, nós somos a nação da Copa das



Confederações, nós somos a nação da Olimpíada em 2016. E esperem que, se depender da dona Dilma e do dom Guido, nós chegaremos a ser a quinta economia logo em 2016, para ganhar a primeira medalha de ouro na abertura das Olimpíadas.

Companheiros e companheiras,

Não sei se vocês entenderam tudo, porque eu li muito depressa. Mas eu conheço a dona Marisa. Se eu não lesse depressa...

Em meu discurso de posse fiz questão de afirmar que a partir do dia 1º de janeiro de 2003 eu me tornava o servidor público número um do Brasil.

Hoje, aqui – o presidente da República e seus ministros –, estamos fazendo aquilo que é uma obrigação de todo servidor público eleito democraticamente: prestar contas das suas ações a quem legitimamente delega o poder de governar: o povo brasileiro.

Companheiros e companheiras,

Eu quero, do fundo do coração, agradecer a cada um de vocês, cada companheiro – estou vendo aqui o Olívio Dutra, estou vendo ali a Matilde – a cada um de vocês. Nós, juntos, passamos momentos difíceis; nós, juntos, passamos momentos gloriosos. O dado concreto é que o somatório dos erros que nós possamos ter cometido e o somatório dos acertos que nós também poderemos ter cometido é que dá uma síntese de fazer com que a gente possa terminar o nosso mandato com mais de 80% de aprovação. E se a gente fizer como fazem os políticos tradicionais – somar o regular ao ótimo e bom – nós vamos para 96[%] de aprovação, e eu não vou dizer isso porque seria quase unanimidade. Nós temos entre 3% e 4% que há quatro anos teimam em dizer que nós somos “ruim/péssimos”. A esses, eu espero que nos olhem com os olhos de bondade. Olhem para a Dilminha com os olhos diferentes do que me olharam, e percebam que errar é próprio do ser humano.

Mas eu queria dizer para vocês que foi gratificante. Companheiros que entraram no governo em momentos difíceis, companheiros que atravessaram



momentos difíceis. Nem todo mundo tem coragem de conviver com momentos difíceis. É mais fácil a gente ir no estádio quando o time ganha; quando o time perde é melhor a gente não ir, porque chamam a gente de pé-frio. Mas eu acho que todos vocês podem ficar certos de que quando eu descer aquela rampa no dia 1º de janeiro, eu tenho consciência de que cada, cada partícula das coisas que nós conquistamos neste país tem a participação de cada um de vocês – quem veio no primeiro dia, quem veio dois anos depois, quem veio no final do primeiro mandato, quem veio no final do segundo mandato – todos tiveram uma participação extraordinária. Eu acho que... tudo isso porque nós obedecemos fielmente ao povo brasileiro.

Eu queria, do fundo do coração, companheiros, sempre ministros... Agora, o Paulo Bernardo... Se você não me falasse, como eu ia falar? Mas se eu tiver esquecido alguma coisa, me fale, meu filho. É porque... se eu estiver esquecendo alguma coisa – deve ter ministro aí que eu não vi – mas eu queria dizer para vocês o seguinte: olhe, ô Dilma, um conselho que eu posso te dar aqui, faltando 15 dias para ir embora: Tem uma coisa que eu aprendi a fazer e eu vou te dizer isso, e eu espero que os companheiros da imprensa não digam que eu estou querendo ensinar você a fazer alguma coisa. Porque, de vez em quando, eu ouço dizer que eu estou montando o governo da Dilma porque ela escolheu o Guido Mantega, porque ela escolheu o Paulo Bernardo, porque ela escolheu não sei quem. É só dizer para vocês que a Dilma se reuniu com esses companheiros, no mínimo, cem vezes mais do que eu. Eles são muito mais amigos da Dilma e estiveram muito mais na sala da Dilma do que na minha sala. A cada vez que um ministro desses ia à minha sala, ele já tinha feito três ou quatro reuniões na sala da Dilma. Então, a Dilma escolheu quem ela conhece, quem ela quis escolher, de livre arbítrio da cabeça dela, porque somente ela é que pode tirar, é ela quem pode escolher quem vai governar com ela.

Queria dizer para vocês que faltam alguns companheiros entre nós aqui



– companheiros como o Gushiken, que mandou uma carta. Mas falta uma figura principal, a quem eu devo... Obviamente que isso aqui não é uma despedida, porque ele vai vir aqui comigo para a gente passar a faixa para a Dilma e descer a rampa. Falta um companheiro que eu posso garantir para vocês... Quando eu digo que Deus foi muito generoso comigo – e muito generoso – é porque Deus fazer com que eu fosse a uma festa empresarial que eu não queria ir – por insistência do Zé Dirceu, o presidente do Partido –, eu ir àquela festa e conhecer o Zé Alencar... E na hora me veio a ideia: “É o meu vice, é o vice que eu preciso”, e conversar com ele e ele aceitar, eu acho que foi uma obra de Deus, porque eu duvido, duvido que qualquer governante no mundo tenha um vice como eu tive. Pode ter igual, mas melhor, eu duvido. Leal, companheiro, como jamais eu vi na vida. Um companheiro que poderia ter recusado. Tanto preconceito antes da campanha. Poderia: “Não, eu não vou trabalhar, esse metalúrgico grevista, o que vai fazer?”. Ele veio, e nós provamos o seguinte: um grande empresário e um médio sindicalista se juntaram e fizeram pelo Brasil o que muitos outros que pensavam que sabiam não fizeram pelo Brasil. Portanto, eu quero, em nome dos meus ministros, agradecer ao meu querido companheiro José Alencar, que está lá no Sítio Libanês descansando, se preparando para vir aqui no dia 1º ajudar – comigo, com a Marisa, com a Mariza dele, com o presidente Sarney, com todos vocês, que eu espero que estejam aqui – a dar posse para a companheira Dilma.

No mais, companheiros e companheiras, eu levarei para sempre – a não ser que o Miguel Jorge me empreste a casa dele na Bahia e eu esqueça um pouco –, mas eu levarei para sempre a relação de amizade que nós travamos nesse governo. Levarei para sempre a lembrança da convivência com vocês, da choradeira quando o Paulo Bernardo contingenciava o orçamento, da choradeira quando o Paulo Bernardo não liberava o dinheiro, quando o Guido dizia que era preciso fazer um superávit maior. Como estão fazendo agora comigo, pensam que eu não estou atinado! Eu estou atinado que o dinheiro



está ficando curto para a banda dos Ministérios que fazem investimento e ficando cheio para o Guido e para o Paulo. Nós vamos ter uma reunião hoje, ainda, para resolver isso.

Mas do fundo do coração, gente, olhem: a ideia nossa é que este documento aqui, é que a gente mande para universidades, que a gente mande para a imprensa, que a gente mande, Sarney, para o Congresso Nacional – não apenas para os presidentes do Senado e da Câmara, mas mandar para a biblioteca – mandar para as universidades brasileiras, mandar para as centrais sindicais, mandar para os partidos políticos. E também quem quiser – fora dessa gente toda – acessar, isso vai estar disponível, disponível... o WikiLeaks não vai precisar entrar clandestinamente, ele vai ter à disposição as coisas que nós fizemos, inclusive as coisas do Itamaraty. Ou seja, não vai ter vazamento do WikiLeaks, porque nós vamos vazar antes, está bem?

No mais, gente, obrigado a todos vocês, obrigado à imprensa pela compreensão, obrigado aos companheiros das empresas estatais.

Um abraço.

(\$211A)